

'Propriedade', um thriller agreste chega ao Netflix

PÁGINA 3



Conheça as apostas do festival É Tudo Verdade

PÁGINAS 4 E 5



Nina Becker rebobina canções de Caetano

PÁGINA 6



## 2º CADERNO



*Vedete consagrada nos anos 1950, Zaquia Jorge, que abriu teatro em Madureira e morreu de forma trágica, tem sua trajetória resgata em biografia assinada pelo jornalista Marcelo Moutinho, cria do bairro*

Por **Olga de Mello**

Especial para o Correio da Manhã

**S**e mostrar corpo em biquínis sumários – para os padrões dos anos 1950 – exigia ousadia, abrir um teatro e encenar peças populares em Madureira era quase um atestado de insanidade. Consagrada como atriz e vedete de teatro de revista, a carioca Zaquia Jorge não hesitou em instalar no prédio de uma extinta loja de ferragens em sala de espetáculos para quase 500 espectadores, em 1952. A trajetória bem-sucedida foi interrompida, cinco anos depois, pela morte de Zaquia, afogada no mar da Barra da Tijuca, numa segunda-feira, único dia de folga dos artistas, então.

A mulher à frente de seu tempo foi inspiração para alguns sambas, um deles, “Madureira Chorou”, de Carvalhinho e Júlio Monteiro, lançado no Carnaval de 1958. Tema do desfile do Império Serrano em 1975, Zaquia seria lembrada pela canção de Acyr Pimentel e Cardoso, “Estrela de Madureira”, derrotada na disputa de samba-enredo da escola, e gravada por Roberto Ribeiro. Apesar do sucesso das músicas, Zaquia Jorge caiu no ostracismo,

# A estrela que fez Madureira chorar

Mulher à frente do seu tempo, Zaquia Jorge, atriz do teatro de revista nos anos 1950, é tema de biografia

do qual é resgatada com a biografia assinada pelo jornalista Marcelo Moutinho “Estrela de Madureira – A trajetória da vedete Zaquia Jorge por quem a cidade chorou” (Record, R\$ 84,90). Criado no bairro, ele passou a infância ouvindo os sambas, e diz que o livro nasceu do contraste “entre a mulher que inspirou duas músicas de grande sucesso, que foi enredo de escola de samba, e o esquecimento que cobre sua história”.

Moutinho considera a biografia seu primeiro trabalho de não-ficção, embora tenha coordenado a edição de “Canções do Rio”, uma compilação sobre bairros retratados na música popular. Na pesquisa de cinco anos, buscou manter-se fiel ao material encontrado, sem deixar que “a prática do ficcionista maculasse o rigor histórico”. O resultado é um relato jornalístico quase severo: “É muito tentador, para quem escreve ficção, completar com a imaginação



os ‘espaços vazios’ da pesquisa. Evitar essa armadilha foi, desde sempre, uma premissa para mim. Isso não significa que não tenha recorrido a estratégias clássicas da ficção, como abrir a história com uma cena impactante – no caso, a morte da protagonista”, conta o escritor, que lança o livro neste sábado (6) no bar e sebo Al Farabi (Rua do Mercado, 34), com samba a cargo da Velha Guarda do Império Serrano.

**Continua na página seguinte**

ENTREVISTA / MARCELO MOUTINHO, JORNALISTA E ESCRITOR

# 'Aos olhos das pessoas, Zaquia será para sempre uma mulher jovem'

**A** interrupção abrupta da consagrada carreira de Zaquia Jorge talvez explique os anos de ostracismo que se seguiram alguns anos depois de sua morte. Em conversa com o Correio da Manhã, o jornalista Marcelo Moutinho explica sua relação com a personagem que escolheu biografar. "Lá em casa, os sambas "Madureira Chorou" e "Estrela de Madureira" giravam muito na vitrola. Meu pai costumava comentar que aquelas duas músicas haviam sido compostas para uma vedete que abriu um teatro no bairro", recorda o autor, anunciando que pretende resgatar outras figuras esquecidas em seus próximos projetos editoriais.

**Por que Zaquia Jorge caiu totalmente no esquecimento, quando outras vedetes que não chegaram a ser empreendedoras, entre elas Mara Rúbia e Virginia Lane, continuaram sendo lembradas?**

**Marcelo Moutinho:** Não tenho como cravar, mas cogito que seja pelo fato de ter morrido muito jovem. Quando ela se afoga no canal da Barra, tem apenas 33 anos. Então a carreira foi curta, cerca de 13 anos, e também encerrada de forma abrupta. Por outro lado, é curioso pensar como acabou se fixando uma imagem que não envelhece. Aos olhos das pessoas, Zaquia será para sempre uma mulher jovem.

**Como você chegou a Zaquia? Já conhecia sua trajetória?**

Passei minha infância em Madureira e meus pais era grande fãs do Roberto Ribeiro.

Então, lá em casa, os sambas "Madureira chorou" e "Estrela de Madureira" giravam muito na vitrola. Meu pai costumava comentar que aquelas duas músicas haviam sido compostas para uma vedete que abriu um teatro no bairro. São informações que ainda hoje pairam sobre o imaginário dos moradores do subúrbio, mas a história de Zaquia, apesar disso, é bem pouco conhecida. A ideia de escrever o livro nasce dessa constatação.

**Mulher jovem e empreendedora, Zaquia se tornou querida em Madureira, tanto pela simpatia quanto pela generosidade. Era marketing ou algo natural?**

Totalmente natural. Talvez por ser uma mulher nada arrogante, e também por ter se identificado com os moradores, a relação de empatia logo se impôs às reações refratárias iniciais. Ela costumava almoçar em uma pensão vizinha ao teatro, passeava pelo comércio, disputava jogos de purrinha nos botecos e frequentava a Portelinha, antiga sede da Portela (o próprio Monarco conta isso). Também ajudava financeiramente as pessoas, como mostram dois casos relatados no livro.

**Zaquia teria pressentido o ocaso do teatro de revista, que aconteceria nos anos 1960, ou aventurou-se no empreendedorismo por ambição de criar algo para o teatro?**

Certamente a popularização da televisão é parte fundamental do declínio do teatro de revista. Além disso, eram espetáculos muito custosos, com orquestra, grande corpo de artistas... Aos poucos, foram se tornando inviáveis. Não me parece que a opção por se tornar



empresária tenha a ver com um suposto ocaso da profissão. Quando observamos a trajetória dela, chama a atenção a admiração que cultivava pelo mítico produtor Walter Pinto, que levava multidões à Praça Tiradentes. É claro que não posso falar com total certeza, mas diria que vem muito mais de um desejo pessoal de ter a própria companhia.

**Como foi a relação do Império e da Portela com Zaquia numa época em que escolas de samba eram um fenômeno quase exclusivamente suburbano?**

Quando ela abre seu teatro, o Império Serrano era uma escola muito recente. Tinha apenas quatro anos de vida. A Portela, por outro lado, há tinha bastante estrada. Zaquia frequentava os ensaios na antiga Portelinha, estava sempre lá. Nas peças do Madureira,

também procurava tratar de temas ligados ao samba. E chegou a ceder profissionais do teatro, como os figurinistas, para ajudar na produção dos desfiles das duas escolas.

**A biografia é uma volta sua ao jornalismo? Há outras figuras esquecidas que você vai resgatar?**

Sim. O Ruy Castro disse certa vez que o passado é um país estrangeiro. Visitar esse país tão distante e, ao mesmo tempo, tão próximo foi trabalhoso, mas também uma experiência incrível. Não vou deixar de publicar seletas de contos e crônicas, nem livros infantis. A carreira como ficcionista seguirá seu rumo. Mas, agora, em paralelo à não ficção. Pretendo resgatar outras figuras esquecidas e já há, inclusive, uma pesquisa em andamento, ainda que de modo bem incipiente.

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**R**epresentada em circuito pelo tocante “Sem Coração”, de Nara Normande e Tião, o cinema pernambucano, uma imparável usina de invenção, provou ser capaz de brilhar – como poucos polos audiovisuais do país – na seara do thriller com o sucesso de “Propriedade”. Recebido com mimos em sua passagem pela Berlinale 2023, o longa-metragem de Daniel Bandeira revela um novo prisma em sua chegada ao streaming, via Netflix.

Sua imersão no código do coronelismo é ampliado agora, em sua passagem por uma nova via de acesso ao público, na revelação de novas camadas de sentido em relação ao vitimismo e à opressão. Sua trama conversa com o conceito filosófico do Paralelismo do Cordeiro, de Friedrich Nietzsche (1844-1900).

Segundo o filósofo: “Quem luta contra monstros deve garantir que, no processo, não se torne um monstro. Se você olhar o suficiente para um abismo, o abismo voltará a olhar para você”. Pois o precipício que Bandeira abre em seu belo filme é o do desamparo, da submissão e do revanchismo. Sua edição virtuosa cerze esses três pontos, à luz de uma filmografia que nos deu “Bacurau” (2019), “Azougue Nazaré” (2018) e “Aquarius” (2016). É o filme que desmonta a estrutura sociológica funcionalista (e paternalista) do cinema brasileiro oferecendo a ele, como alternativa, o léxico das narrativas de gênero, mas de olho no legado marxista.

Certezas de classes – a dos pobres e a dos aristocratas – são um convite à ruína na trama, que contextualiza o justicamento e revanchismo sob múltiplas perspectivas críticas, tanto aquelas que desnudam a microfísica da dominação fundiária quanto aquelas que problematizam (bem) as consequências do levante popular.



Malu Galli é ameaçada pelos trabalhadores injustiçados de sua fazenda em ‘Propriedade’

# ‘Propriedade’ da invenção

Thriller pernambucano ganha novas plateias ao estrear na grade da Netflix

Laureado com o troféu Redentor de Melhor Montagem (dada a Matheus Farias, o editor de “Retratos Fantasmas”) no Festival do Rio 2022, “Propriedade” se reporta a cartilhas do thriller. Ganhou o prêmio de Melhor Direção no Fest Aruanda, na Paraíba, em 2022, por todo o seu virtuosismo nos enquadramentos. Saiu de lá ainda com troféus de Melhor Figuri-



O diretor Daniel Bandeira no set de filmagens

no, Direção de Arte, Som e Fotografia. Essas láureas vieram no momento em que o cineasta expurgava um fantasma da sua vida profissional.

Em junho de 2022, Bandeira conseguiu “desengavetar” a sua primeira longa, que ficou anos

a fio (15, para sermos exatos) na fila de espera para estrear: “Amigos de Risco”. Essa produção foi exibida pela primeira vez no Festival de Brasília, em 2007 e desapareceu, pois, sofreu um extravio da suas cópias em película e outros percalços. É a história

de dois colegas que carregam um camarada desmaiado Recife adentro. Já era uma percepção da solidariedade popular, que é o tema de “Propriedade”.

Nesse seu novo (e mais maduro) trabalho, Bandeira trabalha a ideia do que é “arriscado”, do “risco” (mencionado no título do filme anterior) em outro plano. Não opera mais no plano urbano de uma metrópole, em deslocamento, mas, sim, na condição de inércia forçada de uma artista de classe social abastada acoçada por uma multidão de pessoas que tiveram seus empregos reduzidos a pó. Esse povo sobre o qual fala está em um contingente rural.

Quem nos leva ao território sem lei (e cheio de abusos) mapeado por Bandeira é Tereza, uma estilista vivida pela atriz Malu Galli, que esbanja potência trágica. Ela é uma designer de moda. Sua vida se embatucou depois de uma situação em que ela foi refém, durante um assalto, resvalando num trauma. Na luta contra os fantasmas do passado, ela se vê em frente a um novo perigo quando os trabalhadores da fazenda do marido, um sujeito sexista e mesquinho, fazem um motim em prol dos seus direitos trabalhistas, mantendo-a recolhida em um carro blindado. É uma mistura de John Carpenter (em “Assalto À 13ª DP”, de 1974) com o Roman Polanski de “Cul-de-sac – Armadilha do Destino” (Urso de Ouro de 1966).

Fotografado numa luz dionisiaca por Pedro Sotero (de “O Som ao Redor”), o roteiro faz jus à natureza autoral do seu realizador ao usar o tempo narrativo numa compressão absoluta, até um transbordamento no qual explode em horrores sociológicos. E Malu transforma-se na melhor scream queen (diva do terror) que o cinema brasileiro já viu, com um visual à la Jamie Lee Curtis. Na autópsia em corpo vivo daquele quinhão do Nordeste, Bandeira dá uma aula de reforma agrária regada a adrenalina.

Divulgação

Helder Lopes/Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**C**om 77 títulos de 34 países em seu menu, a 29ª edição do *É Tudo Verdade* promete renovar os laços da cinefilia brasileira com o Real, com títulos salpicados pela diversidade, tempero típico da maior maratona documental da América Latina, que deixa suas especiarias ao alcance das plateias cariocas e paulistanas até o dia 14.

O Estação NET Botafogo e o Estação NET Rio serão os QGs locais do evento, que é capitaneado pelo crítico e curador Amir Labaki. Esta noite, às 20h30, vai ter sessão aberta ao público do longa-metragem de abertura, “Um Filme Para Beatrice”, um painel de reflexões feministas da diretora Helena Solberg. A sessão rola às 20h30 no Estação da Voluntários da Pátria nº 88. Mas tem muitas iguarias nacionais e estrangeiras na grade. Saca só:

**DIAMANTES, de Daniela Thomas, Sandra Corveloni e Beto Amaral:** Talentos de “Linha de Passe” (2008) e de “Vazante” (2017) se reúnem aqui. Em seu roteiro, três mulheres de São João da Chapada, distrito de Diamantina, nas Minas Gerais, narram a si mesmas na cidadezinha que foi uma das maiores produtoras de diamantes do Brasil. Sua equipe faz um ensaio sobre os vetores da História que ainda assombram o Presente de uma região onde a força das mulheres desafia opressões e ausências. Quando: Dia 10, 20h30 (Estação Botafogo) e dia 11, 17h30 (Estação NET Rio)

**A SENHORA DAS FLECHAS, de Heidi Specogna:** Durante uma viagem, a fotógrafa Claudia Andujar desenvolve um relacionamento profundo com o povo yanomami e os ajuda a lutar contra a exploração da floresta amazônica e seu extermínio. Seu legado é dissecado nesta produção teuto-suíça. Quando: Dia 9, 18h (Estação Botafogo)

**ANTONIO CÂNDIDO, ANOTAÇÕES FINAIS, de Eduardo Escorel:** Quando morreu, aos 98 anos, o maior crítico literário do país deixou 74 cadernos inéditos. Baseado nos dois últimos, o filme se debruça sobre textos escritos entre 2015 e 2017. Os sinais de fragilidade física, notícias de jornal, preferências



*Fernanda Young - Foge-me ao Controle*

# No garimpo de REALIDADES

Confira uma lista dos potenciais hits do maior festival de documentários da América Latina



*Diamantes*

Divulgação



*A Senhora das Flechas*



*Luiz Melodia No Coração do Brasil*

Divulgação



*Zinzindurrunkarratz*

Divulgação



*Mamãe Suriname - Mama Sranan*



*Antonio Cândido, Anotações Finais*

literárias, musicais e cinematográficas, evocações dos antepassados, menções à infância no sudoeste de Minas e lembranças de Gilda de Mello e Souza são temas recorrentes. Quando: Dia 7, 18h (Estação Botafogo)

**MAMÃE SURINAME - MAMA SRANAN, de Tessa Leuwsha:** A realizadora usa imagens de arquivo colorizadas para ilustrar a vida de mulheres surinamesas, incluindo sua avó, nascida em 1905, filha de mãe branca e de pai negro. Desprezada

por sua origem mestiça, ela se muda para Paramaribo, onde cria quatro filhos sozinha. Antes da independência do Suriname, em 1975, seus filhos se mudam para a Holanda, e ela os segue a contragosto, mas encontra conforto em suas raízes espirituais. Quando: Dia 4, 20h (Estação NET Rio)

**ZINZINDURRUNKARRATZ, de Oskar Alegria:** Um emissário da poderosa estética documental espanhola dos anos 2020. Um cineasta decide recuperar o caminho que os pastores da sua cidade faziam para chegar às montanhas, mas ninguém mais sabe a rota exata. Sua ideia é filmá-lo com a antiga Super-8 de sua família, mas descobre que, depois de 41 anos sem uso, ela não capta mais som. O caminho esquecido e a câmera mudam, junto com um burro chamado Paulo, os protagonistas de uma jornada cheia de lembranças, pontos de interrogação e

silêncio. Quando: Dia 10, 18h (Estação Botafogo)

**FERNANDA YOUNG – FOGEME AO CONTROLE, de Susanna Lira:** Um ensaio sobre a escritora, roteirista e apresentadora que chacoalhou a caretice nacional em sua verve irritadiça e doce a um só tempo. A diretora de “Torre das Donzelas” (2018) esquadrinha essa doçura e essa irritabilidade numa narrativa de verve poética. Quando: Dia 11, 20h30 (Estação Botafogo)

**LUIZ MELODIA NO CORAÇÃO DO BRASIL, de Alessandra Dorgan:** Com imagens de arquivo raras, esta narrativa usa o recurso do texto em primeira pessoa para (re)traçar a trajetória de um dos mais injustiçados cantores e compositores da música popular brasileira, da infância pobre no morro aos palcos. Quando: Dia 14, 20h30 (Estação Botafogo)

## CORREIO CULTURAL

Maria Carolina/Divulgação



A fachada da sede do instituto, em Xerém

## Instituto Zeca Pagodinho tem novas parcerias para 2024

O Instituto Zeca Pagodinho (IZP) continua sua trajetória de impacto social e cultural na Baixada Fluminense, anunciando novas parcerias e projetos para este ano. Uma delas é a montagem do espetáculo “Viva Xerém: Brasil em Tons e Cores”, resultado do projeto de musicalização infantil que atende 250 crianças da região.

### Estreia de ouro

Filme de estreia de Murilo Benício como diretor e estrelado por Drica Moraes, “Pérola” foi escolhido o melhor filme do 26º Festival de Cinema Brasileiro de Paris. O evento é a principal vitrine do audiovisual brasileiro na Europa.

### Desempenho

O icônico “The Dark Side Of The Moon”, do Pink Floyd, completou 50 anos em 2023 e a banda lançou um concurso de clipes animados para as faixas do álbum. O brasileiro Bruno Mazzilli ficou no 5º lugar entre competidores do mundo inteiro.

Outra iniciativa é a parceria com o Inmetro, cuja sede fica em Xerém, para oferecer um curso de certificação de qualidade para a indústria, visando qualificar a mão de obra local e atender às demandas das indústrias instaladas na Baixada. A parceria prevê também a reforma de uma sala do Instituto para receber concertos.

### O papel da vida

O filme que vai contar a história do sequestro sofrido por Silvio Santos em 2001 vai virar filme. Quem vai interpretar o dono do SBT é Rodrigo Faro. O apresentador publicou nas redes o teaser do longa e disse que este é o papel de sua vida.

### Palestrante

Karol Conká foi uma das escolhidas para dar uma palestra na Brazil Conference 2024, que acontecerá neste fim de semana em Harvard (EUA). A rapper falará sobre como a música pode formar identidades e inspirar as novas gerações.

Divulgação



Nina Becker: ‘Fazer este show e cantar essas canções, me traz a sensação do colo que recebia da minha mãe quando era pequena’

# Nina Becker rebobina, com afeto, o cancionário de Caetano

Cantora volta ao Manouche em show com repertório inspirado em seu álbum mais recente

Conhecida pelo bom gosto, Nina Becker, que além da carreira solo é uma das vocalistas da Orquestra Imperial, volta ao Manouche nesta quinta-feira com o show “Love, Love, Love - um ensaio sobre Caetano Veloso”, um passeio pelas músicas do baiano que ouvia na infância. Nina interpreta canções que tocavam na vitrola da sua

casa quando era ainda criança.

Investigando a musicalidade dos discos do início da carreira do compositor, nesse show ela traz reminiscências afetivas de sua primeira infância e da geração de seus pais, que viviam a juventude libertária dos anos 70. “Fazer este show e cantar essas canções, me traz a sensação do colo que recebia da minha mãe quando era pequena, é a origem

desse afeto que culminou nesse projeto”, conta.

Em formato de ensaio aberto, o repertório se configura investigativo. A cada apresentação, músicas entram e saem do roteiro, sem o compromisso de que os arranjos estejam totalmente resolvidos. A palavra ensaio traduz a qualidade informal da apresentação, onde Nina conversa com o público e conta histórias, como um convite para visitar a sala de sua casa.

Com arranjos adaptados para a formação de sua banda atual, ela apresenta pérolas nem sempre muito conhecidas do grande público, como a delicada “Pelos Olhos”, e a roqueira “Shoot Me Dead”, da fase londrina de Caetano. Alguns destaques são “Araçá”, parceria com o próprio Tomás Improta, e a jazzística “Os Meninos Dançam”.

Nina também apresenta no roteiro algumas canções autorais influenciadas pela obra do artista, em um espetáculo em que a sonoridade é baseada no diálogo entre uma geração mais recente, com Felipe Fernandes (guitarra), Paulo Emmery (baixo), Pedro Fonte (bateria) e a presença de Tomás Improta, pianista que fez participações icônicas nas turnês e nos discos da fase inicial da discografia de Caetano, como “Muito”, “Joia” e “Cores Nomes”.

“Depois de passar dois anos em casa em meio à angústia da pandemia, o que mais precisava agora era regenerar os afetos e promover reencontros e abraços entre amigos, me reconectar com essa fase tão bonita da minha vida, lembrando também momentos incrivelmente ricos da nossa história.”

### SERVIÇO

NINA BECKER - LOVE, LOVE, LOVE - UM ENSAIO SOBRE CAETANO VELOSO  
Manouche (Rua Jardim Botânico, 983 - subsolo da Casa Camolese)  
4/4, às 21h  
Ingressos: R\$ 140 e R\$ 70 (meia e meia solidária, com 1kg de alimento não perecível, para doação)

# O mundo corporativo como ele é

‘Vida Útil’ reflete sobre a competitividade no mercado de trabalho

**P**or que profissionais competentes de áreas diversas, mesmo insatisfeitos, costumam permanecer em empresas que comprometem sua saúde mental? Por que existem tantas relações tóxicas nos ambientes de trabalho? Essas reflexões permeiam o espetáculo “Vida Útil”, em cartaz no Centro Cultural Justiça Federal.

O texto inédito do cearense Ra-

fael Martins, com direção de Marcelo Morato, é uma comédia ácida, que leva à cena situações intrincadas entre colegas de trabalho, mostrando diferentes personalidades e posições no jogo capitalista.

A trama se passa em uma sexta-feira qualquer, no momento do fim de expediente, quando os colaboradores de uma empresa começam a discutir sobre o cumprimento de uma demanda passada pelo chefe. A disputa sobre quem vai cumprir as tarefas gera discussões e reflexões sobre os nossos desencontros entre carreira e desejos pessoais. No elenco, estão Jade Freneszi, Júlia Couto, Lucas Garbois e Luciano Pontes, na pele de funcionários com questões existenciais e emocionais, que pas-



Lucas Garbois, Jade Freneszi e Luciano Pontes em cena

sam situações de abuso de poder e desvalorização profissional.

“Reciamos em cena um ambiente de trabalho claustrofóbico e disfuncional. As metas que muitas empresas exigem de seus funcionários acabam gerando uma série de desequilíbrios emocionais e disputas internas”, descreve o diretor Marcelo Morato. “Mas não se trata de uma peça realista, há espaço para delírios e devaneios dos personagens que nos fazem refletir sobre o

lado desumano da sociedade civilizada, aquele que sempre nos faz adiar nossos sonhos de felicidade”, completa.

O projeto começou quando Luciano Pontes, ator paraense que viveu décadas no Ceará, procurava um texto para produzir. Depois de exercer outra profissão a vida inteira, decidiu estudar artes cênicas ao se ver infeliz no ambiente corporativo. Mudou-se de Fortaleza para o Rio, onde se

formou há um ano e meio. O texto, do amigo Rafael Martins, tem uma ligação muito forte com sua vida pessoal e a escolha de trocar de carreira e cidade aos 34 anos.

“Além da identificação com minhas questões, queria uma peça com a qual eu sabia que a plateia ia se identificar. É alarmante o número de pessoas afastadas do seu trabalho por questões ligadas à depressão e à ansiedade. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) e a Organização Internacional do Trabalho (OIT), estima-se que 12 bilhões de dias de trabalho são perdidos anualmente devido à falta de saúde mental do trabalhador, e isso gera uma perda de aproximadamente um trilhão de dólares para a economia global. É com urgência que temos que debater mais esses temas”, observa Luciano.

## SERVIÇO

### VIDA ÚTIL

Centro Cultural Justiça Federal (Av. Rio Branco, 241 - Centro) | Até 24/4, às terças e quartas (19h)  
Ingressos: R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

# Investigando o DNA nordestino da Baixada

Espectáculo ‘Travessias Nordeste x Baixada’ será encenado em quatro cidades a região

Lançando um olhar atento sobre a história, a cultura e a identidade da Baixada Fluminense, o espetáculo “Travessias Nordeste x Baixada” reúne histórias que começam em solos nordestinos e que se identificam ao cruzarem o país por diferentes meios e por diversas motivações, ancorando na Baixada Fluminense suas esperanças de futuro.

O espetáculo é gratuito e estreia no sábado (6), às 19h, no Gomeia Galpão Criativo, em Duque de Caxias, e circulará entre outros locais da Baixada Fluminense, como

Nova Iguaçu (dia 20), Belford Roxo (26) e Japeri (27). A entrada é gratuita, bastando chegar ao local para assistir.

“Travessias Nordeste x Baixada” surgiu da união das artistas Letícia Ambrósio e Nathalia Cantarino, que possuem uma curiosa história em comum: seus avós vieram de Pernambuco escondidos em um navio para o Rio de Janeiro e foram parar na Baixada Fluminense. E histórias de travessia se repetem entre outras famílias desse território, como destaca Letícia. “Começa-



O espetáculo surgiu da união das artistas Letícia Ambrósio e Nathalia Cantarino, ambas artistas da Baixada descendentes de migrantes nordestinos

mos as entrevistas com familiares, depois partimos para as ruas, praças e feiras de Belford Roxo e Duque de Caxias, onde encontramos pessoas dispostas a compartilhar suas memórias”, comenta.

Essas histórias, repletas de luta, amor, esperança e resiliência, fo-

ram cuidadosamente adaptadas a dramaturgia do espetáculo, como explica Nathalia.

“A seleção das histórias se deu a partir das semelhanças dos relatos. A dramaturgia propõe uma costura onde cada trecho parte de uma história diferente, mas ainda assim,

contando uma história maior que é a da Baixada Fluminense”, ressalta.

Sob encenação de Renata Tavares, primeira mulher negra ganhadora na categoria “Melhor direção” no Prêmio de Teatro Shell, o espetáculo explora uma variedade de linguagens artísticas, passeando pelo ficcional e o documental, o teatro e o audiovisual, misturando o drama, a comicidade e a contação de histórias, além de provocar momentos interativos com o público.

“Travessias Nordeste x Baixada” torna-se não apenas uma peça, mas um ato de preservação da memória cultural, sendo um convite para refletir sobre as próprias raízes e a construção deste território.

## SERVIÇO

### TRAVESSIAS NORDESTE X BAIXADA

Gomeia Galpão Criativo (R. Dr. Lauro Neiva, 32 - Jardim Vinte e Cinco de Agosto, Duque de Caxias) | 6/4, às 19h  
Entrada franca

# Os bastidores de um mimo saboroso

Conheça os queijos que Lula deu a Macron e veja como comprá-los

Por Flávia G. Pinho (Folhapress)

Foi uma correria. Na quarta-feira pela manhã, um funcionário do Ministério das Relações Exteriores telefonou esbaforido para a queijista Rosanna Tarcitano, que mora em Brasília. A pedido do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, ele precisava organizar uma cesta de produtos brasileiros, com destaque para queijos nacionais, para que fossem dados de presente ao presidente francês, Emmanuel Macron. O problema era o prazo: o regalo deveria ser entregue na manhã seguinte.

Com uma década de experiência no ramo e uma das fundadoras da Associação de Queijistas do Brasil, a ComerQueijo, Tarcitano não se apertou. Acionou uma colega do Distrito Federal, Sandra Moser, e pediu socorro. “Como ela vende queijos em feiras, costuma ter algum estoque”, conta.

A produção do presente ainda passou por uma negociação digna de diplomatas. A expectativa do Itamaraty era juntar apenas queijos mineiros na caixa, mas Tarcitano foi contra. “Sugeri uma diversidade maior de sabores, porque várias regiões do Brasil têm queijos maravilhosos e premiados”, diz. O argumento colou.

Da lista inicial, com dez queijos, já ficaram de fora os produtos que demandavam refrigeração - era impossível saber como o presente chegaria às mãos de Macron, e se o presidente francês provaria os queijos aqui mesmo, em solo brasileiro, ou se os levaria para casa.

Outra demanda do Itamaraty ajudou a reduzir a lista: que os queijos tivessem conquistado medalhas no Le Mondial du Fromage et des Produits Laitiers, uma das mais importantes competições internacionais, realizada na França.

A ideia era que o presente funcionasse



Lula e Macron exibem a cesta com as amostras de queijos premium brasileiros e outras delícias

como uma divertida provocação a Macron.

Daqueles dez queijos da primeira seleção, quatro se enquadravam. Mas Tarcitano apelou para a diplomacia mais uma vez e convenceu o funcionário do ministério a incluir outros dois produtos que, na sua opinião, retratavam melhor a diversidade queijeira do país. Bingo de novo.

“Às 14 horas, a lista já estava fechada e aprovada e começamos a formar o presente. Como alguns queijos são enormes, optamos por entregar frações embaladas. Às 17h, o presente estava pronto, para ser entregue na manhã seguinte”, lembra a queijista.

A caixa de papelão dada a Macron, com serragem no fundo, não continha apenas queijos. Entraram no kit um pacote de café e o espumante 130 Brut Blanc de Blanc, produzido com uvas Chardonnay de safras especiais pela gaúcha Casa Valduga.

Na véspera do feriado de Sexta-Feira Santa, a foto dos dois presidentes, sorridentes com o presente nas mãos, circulou

rapidamente nas redes sociais e portais de notícias.

Se o gesto vai se refletir em aumento de vendas, é cedo para saber. Mas o queijeiro Bento Mineiro, produtor paulista do queijo Pardinho, está otimista. “Não há dúvida da relevância do gesto. Esse trabalho de relações públicas pode, sim, ter efeito comercial.”

Proprietário da loja Galeria do Queijo, na zona sul de São Paulo, o comerciante Falco Bonfadini não chegou a notar um aumento imediato na procura pelos queijos do presidente. Mas se incomodou com o debate político que tomou conta de seu perfil do Instagram.

“Fiz um post para celebrar a visibilidade dos queijos nacionais, nada a ver com política, mas começaram a brigar no meu post”, lamenta.

Todos os queijos que Macron ganhou de presente estão à venda em lojas especializadas e podem ser adquiridos diretamente dos produtores.

## As delícias dadas ao líder francês

**CUESTA** - Uma das mais premiadas queijarias paulistas, a Pardinho Artesanal elabora o Cuesta em antigos tachos de cobre, usando leite cru de vacas criadas a pasto na Fazenda Sant’Anna, em Pardinho (SP). Ao longo de oito meses de maturação em caves subterrâneas, a casca incorpora fungos que conferem coloração acinzentada e notas ameadas. Onde encontrar - Galeria do Queijo ([www.galeriadoqueijo.com.br](http://www.galeriadoqueijo.com.br))

**GOA MODERADO** - Em Aiuruoca (MG), o médico Guilherme Maciel produz o Mantiqueira de Minas com leite cru do próprio rebanho. A massa é semicozida e passa por salmoura, processo similar ao do parmesão italiano. O rótulo Moderado cura por 120 dias. Visitantes podem conhecer a Fazenda da Lage, acompanhar a produção e participar de degustações. Onde encontrar: Instagram @ourodasgerais.

**LUA CHEIA** - Airtton Gianesi, proprietário do laticínio Serra das Antas, de Bueno Brandão (MG), se inspirou no Camembert para elaborar a receita à base de leite cru de vaca e creme de leite, mas adiciona carvão vegetal à casca. O queijo matura três semanas em câmara fria. Onde encontrar: [www.serradasantas.com.br](http://www.serradasantas.com.br).

**MARANATA BRONZE** - O casal Henrique e Paula Laim, de Virgínia (MG), produz o queijo Mantiqueira de Minas à base de leite cru de vaca, de rebanho próprio - o Bronze matura por 100 dias. O Rancho Maranata recebe visitas e organiza programas de vivências, com hospedagem. Onde encontrar: [www.ranchomaranata.com.br](http://www.ranchomaranata.com.br).

**QUEIJO DO MARAJÓ FAZENDA SÃO VICTOR** - Em Salvaterra, Arquipélago do Marajó (PA), Cecília e Marcus Pinheiro produzem o queijo creme tradicional da ilha, à base de leite cru e creme de leite de búfala, saber que herdaram de seus antepassados. Cremoso, de sabor amanteigado, esses queijos obtiveram o reconhecimento da Indicação Geográfica (IG) em 2021. Onde encontrar: [www.oqueijolatra.com.br](http://www.oqueijolatra.com.br).

**SERJÃO CANASTRA 20 DIAS** - Em Piunhi (MG), no coração da Serra da Canastra, Sérgio de Paula Alves produz os queijos tradicionais da região, à base de leite cru de vaca. O mofo branco da casca, que prolifera naturalmente, ao longo de 20 dias, na cave de maturação, dá identidade ao produto. Onde encontrar: [www.queijodoserjao.com.br/](http://www.queijodoserjao.com.br/)